

Pedro Miguel Lamet

PEDRO ARRUPE

*Testemunha do século XX,
profeta para o século XXI*

5.^a Edição, revista



EDITORIAL AO

Título original
Arrupe, Testigo del Siglo XX, Profeta del Siglo XXI
Editorial Mensajero
Grupo de Comunicación Loyola
ISBN 978-84-271-3866-7

Tradução
Fátima Ragageles

Revisão
António Coelho, sj

Consultor
Francisco Pires Lopes, sj

Capa
Romão Figueiredo

Paginação
Editorial AO

Impressão e Acabamentos
Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º
533253/24

ISBN
978-972-39-0984-5

1.ª edição
2003

5.ª edição
Maio de 2024

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

*Aos refugiados, aos excluídos
e aos toxicodependentes do mundo
inteiro, a quem Pedro Arrupe dedicou
as últimas energias e projetos.*

Apresentação

O leitor tem em mãos a 5.^a edição portuguesa da biografia do Padre Pedro Arrupe, Superior Geral da Companhia de Jesus entre 1965 e 1983, da autoria do conhecido jornalista e escritor espanhol Pedro Miguel Lamet, também ele jesuíta. É uma obra publicada pela primeira vez em 1989, ainda em vida do biografado, falecido em 1991, mas conserva a frescura da primeira edição, devido, sem dúvida, à notável atualidade do Padre Arrupe, *profeta para o século XXI*, como o subtítulo da obra apropriadamente refere.

Nesta 5.^a edição, introduzimos algumas novidades, para além da revisão atenta da tradução e da adaptação da ortografia às normas vigentes: reunimos todas as fotografias num único caderno central, tornando assim mais fácil ao leitor a consulta desta importante documentação; publicamos o prefácio que o então Superior Geral da Companhia de Jesus, Padre Adolfo Nicolás, escreveu para a edição comemorativa dos 25 anos de publicação desta obra em espanhol, bem como a introdução do Autor à mesma edição; incluímos um estudo grafológico do Padre Arrupe e a sua árvore genealógica publicados na referida edição. E acrescentamos algumas brevíssimas notas de rodapé relativas a factos históricos importantes para a compreensão de certas passagens da obra.

Oxalá esta 5.^a edição de *Pedro Arrupe – Testemunha do século XX, profeta para o século XXI* encontre junto dos leitores da terceira década do século XXI o mesmo acolhimento que as anteriores edições encontraram junto dos leitores das décadas precedentes.

Capítulo 1

O dia sem hora

Paul Tibbets consultou o altímetro. O quadrimotor B-29, que levava pintado na fuselagem o nome da mãe dele, Enola Gay, voava a mais de dez mil metros de altitude, à velocidade de cruzeiro de quatrocentos quilómetros por hora. Sentado confortavelmente na cabina de pilotagem, Tibbets certificou-se de que o Great Artist e o N.º 91, os aviões respetivamente encarregues da observação científica e de fotografar a expedição, voavam sem contratempos atrás do potente bombardeiro. O céu cinzento, quase ameaçador, entrava pela proa transparente da fortaleza voadora. Ao pé do painel de comandos estava a cigarreira de metal de Tibbets, que o acompanhava em todos os voos. Sim, com efeito, tudo parecia em ordem.

«Camada de nuvens a menos de 3/10 em todas as altitudes», advertira a torre de comando, em mensagem codificada, às sete e vinte e quatro. Tibbets leu-a e, não sem emoção, anunciou aos camaradas:

– Estamos a sobrevoar Hiroxima.

De estatura mediana, sorridente e um tanto bochechudo, os seus gestos tinham qualquer coisa de desprendido, de distante. Era um americano típico, um misto de aspirante a herói e mascador de pastilha elástica...

Ainda se lembrava bem da cara maliciosa do coronel Lansdale, dos serviços secretos das forças armadas norte-americanas, quando lhe perguntara: «Já ouviu falar da energia atómica?».

Respondera que sabia qualquer coisa sobre o assunto, pois tinha alguns conhecimentos de física, e que ouvira falar das experiências dos alemães com água pesada para tentar dividir o átomo. «Bem,

os Estados Unidos já conseguiram dividir o átomo». Lansdale soubera-o pelo professor Norman Ramsey, um físico de vinte e nove anos da Universidade de Harvard. «Estamos a fabricar uma bomba com base nisso, uma bomba cuja explosão é superior à de uma bomba convencional em vinte mil toneladas».

A conversa decorrera no quartel-general do Segundo Exército da Força Aérea Norte-Americana, no Colorado, no dia 11 de setembro de 1944, tendo o coronel Lansdale começado por interrogar Tibbets acerca de uma questão que podia deslustrar as condecorações de piloto hábil e eficiente, quase um herói da II Guerra Mundial. Este não hesitou em contar a verdade. «Sim, fui preso uma vez pela polícia de Miami Beach». «Porquê?» «O chefe de polícia apanhou-me em flagrante com uma menor no banco de trás do carro, em Surfside»... Depois da detenção, a intervenção de um juiz amigo da família conseguiu abafar o assunto e a Força Aérea fez vista grossa ao que considerou um pecadilho sexual. Tibbets, de vinte e sete anos e com um filho, fora escolhido por Lansdale, depois de o ter investigado pessoalmente, para a operação Manhattan.

Os preparativos começaram de imediato, envoltos em cuidado-*so top secret* até à descolagem de Tinian, na madrugada de 6 de agosto. Só ele sabia parte da verdade, aos seus homens apenas tinha sido dito: «É uma coisa para acabar com a guerra». Parecia-lhe ainda ouvir a voz do capelão Downey a rezar antes da partida: «Deus Todo-Poderoso, ouve a prece dos que te amam. Rogamos-te que estejas com os que vão lutar contra os nossos inimigos... Guarda-os e protege-os, rogamos-te, para que voem com sucesso até ao objetivo. Consigam eles, como nós, conhecer a tua força e o teu poder e armados contigo acabar com esta guerra. Rogamos-te que o fim da guerra não tarde e que de novo gozemos de paz na Terra».

Tibbets sentiu a sobrecarga que a *Little Boy* representava para o quadrimotor. Este inocente nome designava as duas cargas de urânio 235 que seriam levadas a chocar pela explosão de duas cargas convencionais. A nova massa, superior à crítica, produziria a rea-

ção nuclear. Desde o princípio que as doze quilotoneladas e meia de TNT preocupavam Tibbets, mas não disse nada à tripulação até se aproximarem do alvo.

Eram quatro e vinte e cinco. Tibbets passou os comandos a Lewis, que por sua vez os confiou a *George*, o piloto automático do *Enola Gay*. Tibbets aproveitou a ocasião para ir dar uma vista de olhos aos companheiros, que estavam nos respectivos postos.

– *Everything okay, colonel* – disse Richard Nelson, o jovem radiotelegrafista, que se sentiu orgulhoso com a réplica do superior.

– Sei que fazes um bom trabalho, Dick.

Tibbets passou revista ao túnel acolchoado pelo qual a bomba ia deslizar. No compartimento traseiro estavam Bob Caron, Joe Stiborik, Robert Shumard e Jacob Beser, este último a tentar afastar o sono. Tibbets dirigiu-se ao artilheiro da cauda.

– Bob, tens alguma ideia do que vamos fazer esta manhã?

– Coronel, sei que não havia de querer estar diante de um muro na altura de disparar..

Tibbets sorriu ao lembrar-se de que Caron tinha prometido não abrir a boca, dando o exemplo aos outros, quando em setembro passado lho tinham pedido, por razões de segurança.

– Já vamos a caminho, Bob, agora já podes falar.

– Levamos a bordo a invenção de algum químico louco?

– Não exatamente...

– De um físico maluco, então?

– Sim.

Tibbets voltou a inspecionar o túnel de lançamento. Quando estava a virar-se sentiu Caron tocar-lhe na perna.

– Há algum problema?

– Nenhum, coronel, só uma pergunta, trata-se de dividir átomos?

Tibbets continuou a inspecionar o túnel e voltou para a cabina de pilotagem sem responder. Caron proferira aquela frase sem saber realmente o que dizia, lera qualquer coisa acerca do assunto numa revista de divulgação científica mas não fazia ideia do que significava.

Hiroxima acabava de entrar na mira do visor. A base informou que nenhum radar japonês detetara a aproximação do avião. Tibbets ordenou de seguida, pelo intercomunicador:

– Preparem-se para o disparo e para a retirada imediata!

A uma milha, na retaguarda, o Great Artist preparava-se para largar de paraquedas os aparelhos de medição. A duas milhas de distância, o N.º 91 rodou noventa graus, pondo-se na posição adequada para fazer as fotografias.

O major Tom Forebbe espreitou pelo nariz transparente do *Enola Gay* e reconheceu a paisagem, que já vira em fotografias a preto e branco. Àquela hora da manhã, as charnecas onduladas eram de um verde suave e a baía de Hiroxima de um intenso azul. Os edifícios destacavam-se no meio de uma bruma fina e as ruas principais da cidade pareciam linhas desenhadas a lápis. A ligeira neblina que pairava sobre a cidade não impedia a visão de quem estava no posto de comando. Forebbe fez coincidir as cruzes na mira do visor.

– Está na mira!

Eram quase oito horas, quinze minutos e dezassete segundos da manhã de 6 de agosto de 1945.

Uns três mil metros abaixo estava um homem à janela. Não tinha traços orientais, não era japonês, mas era como se estivesse em casa. O seu olhar profundo perscrutava o céu. Há já algum tempo que o seu perfil, tipicamente aquilino, se tinha tornado notado no bairro de Nagatsuka, onde começava a ser famoso. Chegara de Yamaguchi há alguns anos e tinha um sorriso contagiante e uma personalidade magnética. Falava japonês com rapidez basca e guturalidade inglesa e acordava sempre antes das cinco da manhã.

Estivera quase duas horas de olhos fechados, imóvel e sentado à japonesa, a rezar a oração matinal numa capela cristã sem móveis e com o chão coberto pelo habitual *tatami*... um lugar vedado à profanação dos sapatos. Era visto com frequência a dirigir-se de

bicicleta para o centro da cidade e era quase como que uma aparição, com o colarinho branco de clérigo ocidental a contrastar com a batina preta e a testa desafogada a brilhar ao sol. Mas depressa as pessoas perceberam que sabia sorrir, que amava mais o Japão que a própria terra e que estava sempre disposto a fazer um favor a quem quer que fosse, quando não estava ocupado com os jovens discípulos japoneses, que vestiam uma espécie de quimono preto e liam em silêncio ou trabalhavam no jardim...

Naquela manhã o céu de Hiroxima estava limpo. Pela janela entrava um bocado de paisagem verde, um bocado da doce colina próxima. As folhas das árvores estremeciam ligeiramente à passagem da brisa e os primeiros calores de um dia de verão, que como sempre se anunciava um tanto húmido e pegajoso, começavam a aquecer a frágil cobertura da residência japonesa.

Quando a sirene de alarme soou, Pedro Arrupe já tinha arrumado os livros na escrivaninha e estava a acabar de fazer a cama, ajeitando a colcha, para em seguida, antes da chegada do Irmão coadjutor, responsável pela coordenação do noviciado de jesuítas, passar para o papel o programa das atividades do dia.

Eram sete e cinquenta e cinco. Às sete e nove tinha-se ouvido um primeiro toque, pouco depois de a Rádio Hiroxima ter interrompido a programação para anunciar um alerta aéreo. Os gritos intermitentes da sirene não alarmaram o Padre Arrupe, habituado, como os seus concidadãos, às ameaças de bombardeamento. No princípio, os habitantes de Hiroxima até nas grutas das montanhas vizinhas iam dormir; agora, porém, tinham-se cansado de esperar e não estavam dispostos a morrer de pneumonia.

De resto, a vida decorria sem percalços. Todos os dias, às cinco e meia, o Padre Arrupe via um B-29 cruzar os céus da cidade, e tal era a constância que os japoneses lhe chamavam ironicamente o correio americano.

Por isso, quando naquele 6 de agosto um B-29 da Força Aérea norte-americana perturbou com os quatro potentes motores o silêncio azul da cidade, Arrupe não fez caso, como muitos outros, e

continuou a arrumar papéis... De vez em quando viam-se ao longe formações aéreas de cerca de duzentos aparelhos.

Alguém o chamou à porta, um sacerdote mais velho que vinha consultá-lo sobre um assunto sem importância.

A sirene calara-se há vários minutos.

A poucos quilómetros daquelas paragens tranquilas, Hiroxima despertava com ligeireza, ao ritmo japonês. Os transportes públicos levavam trabalhadores para as fábricas, as lojas estavam a abrir e crianças uniformizadas formavam filas à porta da escola... os pombos do parque levantaram voo à passagem de uma velhota e a oeste da cidade, na zona rural, o doutor Kaoru consultou o relógio; pelo menos até ao meio-dia não estaria de volta ao hospital.

Na base japonesa de Ximonoseki, a umas cem milhas de Hiroxima, o subtenente Matsuo Yasuzawa aquecia os motores do avião de treino. Era visto com frequência a voar nos céus de Hiroxima mas nunca conseguira autorização para atacar um B-29. Não era conveniente pôr em risco a vida de um instrutor da Força Aérea Japonesa, apesar de ele estar disposto e preparado para a *rippa na saigo*, a morte esplêndida pela pátria, reservada aos *camicases*. Hoje a missão consistia em voar até ao campo de Marxai, em Hata, para transportar um major que devia participar numa reunião em Hiroxima para tratar de comunicações. Queria chegar por volta das oito da manhã e descolou na altura em que o *Enola Gay* invadiu o espaço aéreo japonês.

O controlador aéreo, com exatidão japonesa, olhou para o relógio e deu o sinal de partida. Eram oito e quinze.

Tibbets já não tinha consciência do barulho dos motores, estava tenso, preparado para manobrar o B-29 logo que a delicada e secreta missão estivesse concluída. O correio americano ia entregar a carta.

Oito horas, quinze minutos e dezassete segundos, estava tudo preparado, Tibbets deu a ordem.

– Largar bomba!

No mesmo momento, o *Enola Gay* iniciou uma volta de noventa graus para a direita.

– Bomba largada! –, gritou Forebbe, a espreitar pelo nariz do avião.

A bomba parecia suspensa no ar, depois começou a cair, oscilou um pouco antes de ganhar velocidade e de imediato se precipitou, exatamente como estava previsto.

– Que foi isto? –, exclamou Pedro Arrupe, pondo-se de pé e apontando para a janela.

Uma língua de fogo, que parecia de magnésio, rasgou o azul do céu, depois um som surdo e continuado, mais parecido com o de uma queda de água longínqua que com o som de uma bomba que instantaneamente expluda, chegou até eles com uma força aterradora. A casa estremeceu, os vidros estilhaçaram-se, as portas soltaram-se e os tabiques japoneses, de barro e caniço, deformaram-se, racharam-se e foram derrubados pela onda de choque. Uma chuva de destroços não parava de cair sobre Arrupe e o companheiro, que protegiam instintivamente a cabeça com as mãos, estendidos e imóveis no chão.

Quando aquela espécie de terramoto parou, Arrupe levantou a cabeça, receando ver o companheiro ferido, mas estavam ambos ilesos.

– Temos de ir ver como estão os outros!

Preocupado com os trinta e cinco jovens que viviam na residência, Arrupe correu pelos corredores e pelas escadas. Quando chegou ao último quarto respirou aliviado, a explosão só causara danos materiais.

Que tinha acontecido? Foram todos para o jardim, alguma coisa lhes dizia instintivamente que aí haviam de encontrar sinais da bomba, mas o jardim e a horta estavam como sempre. Ao fundo, a casa em ruínas, com as telhas partidas e curiosamente encavaliçadas umas nas outras, contrastava com a natureza cheia de vida. Nem um vidro ficou inteiro.

Para além das janelas, brutalmente arrombadas, por entre os tabiques rasgados, via-se uma nuvem de pó.

– Do cimo da colina podemos ver o que aconteceu na cidade!

Descobriram um panorama desolador. O que viram foi um enorme carvão fumegante, Hiroxima era agora uma cidade arrasada, um deserto de cinzas sobre o qual pairava uma grande nuvem negra.

Um milésimo de segundo depois das oito e dezasseis um clarão vermelho-púrpura estendeu-se sobre a cidade, a temperatura atingiu cinquenta milhões de graus centígrados. Por cima do Hospital Xima, que sofreu o primeiro impacto da primeira bomba atômica da História, porque se localizava no centro da cidade, a temperatura atingiu muitos milhares de graus centígrados a seguir à terrível explosão. Uma bola de fogo, como um pequeno sol, espalhou imediatamente os raios, produzindo-se, devido à diferença de temperatura, uma onda de explosão equivalente a um tufão. Quinze por cento da energia transformou-se em radioatividade, trinta e cinco por cento em onda de calor e cinquenta por cento em força explosiva. O resultado foi um incêndio com quilómetro e meio de raio, que queimou a pele de quem se encontrava a mais de três quilómetros de distância e causou enorme destruição num raio de seis quilómetros.

Trezentos e vinte mil civis e quarenta mil soldados morreram então ou foram afetados pela bomba. As colunas exteriores do Hospital Xima ficaram esmagadas contra o chão, o edifício foi arrasado e os ocupantes volatilizados. Sessenta e dois mil dos noventa mil edifícios de Hiroxima ficaram arruinados e as canalizações sofreram setenta mil ruturas. Apenas uma vintena de médicos, dos duzentos que a cidade tinha, escapou ao impacto da bomba e pôde cuidar dos feridos.

«Água, água, tenho sede!», gritavam os sobreviventes, que se dirigiam para as margens do Terma, o rio que atravessa a cidade, vendo-se obrigados a afastar os cadáveres para beber. Pareciam múmias ambulantes, desfigurados, a roupa rasgada e fundida com a pele, caminhavam sem saber para onde, com o estupor estampado nos olhos, a cambalear por entre carris transformados em

ferro retorcido, escombros fumegantes e edifícios em chamas. Da pessoa que estava sentada num dos degraus do Banco Sumimoto no momento da explosão só restou uma mancha escura no granito fendido. Este bocado de granito, esta prova, ainda hoje pode ser visto no Museu da Paz de Hiroxima. Fumo, fogo, escombros, gritos... aquilo era o inferno.

No cimo da colina de Nagatsuka, pregado ao chão e mudo de espanto, Pedro Arrupe contemplava aquele inexplicável apocalipse. Ninguém pronunciara a palavra «atômico». Durante quatro anos de guerra vira muitas bombas cair e muitas granadas explodir, mas aquilo era tão inédito que não admitia comparações. Sim, tinha ouvido falar de armas secretas, principalmente antes da derrota da Alemanha, mas dizia-se que não passava de propaganda, e agora estava ali, diante da mais cruel destruição do homem pelo homem.

– Temos de ir à cidade, temos de fazer alguma coisa! –, gritava Arrupe, movido por uma força primária de solidariedade.

– É impossível, padre, o fogo não nos deixa passar.

– Mas temos de fazer alguma coisa!

Arrupe correu para a capela. Uma das paredes tinha ruído, feita em pedaços. Ajoelhou-se e, na eternidade daquele instante, pediu luz a Deus.

Sentiu-se esmagado pela escuridão que o rodeava, só havia morte e destruição... e ele e os companheiros reduzidos à mais terrível impotência... «E Tu, Senhor, conhecendo tudo, vendo tudo... e convidando-nos a tudo reconstruir».

Então recordou de rajada o passado, Bilbao, os pais, os tempos de estudante de medicina em Madrid, o chamamento do Japão... olhou para o relógio, estava parado, como milhares de relógios em Hiroxima, como centenas de milhares de vidas humanas, nas oito e quinze. «Aquele relógio», escreveria anos mais tarde, «silencioso e paralisado, é para mim um símbolo, converteu-se num fenómeno para além da história. Não é uma recordação, é uma vivência perpétua fora da história, que não acontece sem o seu tiquetaque. O ponteiro parou e Hiroxima deteve-se, gravada no nosso espírito».

Pedro Arrupe saiu da capela com o propósito de transformar o noviciado num hospital improvisado e de se servir dos conhecimentos de medicina. Falou com os companheiros e puseram mãos à obra. Mas estes não sabiam ainda que Arrupe também saía da capela com o relógio da história parado e o coração num lugar distante, para além do tempo e acima da pequenez e do terror que os homens semeiam.

Quando resgatou dos escombros o estojo de primeiros socorros, de que só se aproveitava algum iodo, algumas aspirinas, sais de frutos e bicarbonato, sentiu-se pequeno perante duzentos mil feridos de morte.

Mas Deus, que o trouxera ali, àquele mar de angústia, destruição e fogo, teria uma palavra a dizer, e sentiu que a explosão interior era ainda maior que o *pika-don* (o relâmpago e o trovão) que devastara Hiroxima.

– Já há gente a chegar, padre! –, gritou um noviço.

Eram as primeiras sombras ambulantes, que vinham pedir ajuda... Arrupe pôs a imaginação a trabalhar.

Lá em cima, nos céus de Hiroxima, o coronel Tibbets, olhando da cabina de pilotagem para o que restava da cidade, exclamou horrorizado:

– O que nós fizemos, meu Deus!

Índice

<i>Apresentação</i>	9
<i>Apresentação da terceira edição</i> – Dário Pedroso, sj	11
<i>Ver mais longe</i> – Vasco Pinto de Magalhães, sj	15
<i>A primeira edição portuguesa de Pedro Arrupe</i> – Pedro M. Lamet, sj.	21
<i>Prólogo: O «magis» do Padre Arrupe</i> – P. Adolfo Nicolás, sj	25
<i>Introdução à nova edição: Vinte e cinco anos de um livro</i>	33
Capítulo 1 – O dia sem hora	47
Capítulo 2 – As aventuras de Peru	57
Finalmente um menino!	60
O primeiro adeus	62
Universitário em Madrid	68
O primeiro contacto com a injustiça	71
Matriculado em Medicina	77
Capítulo 3 – De médico a jesuíta	81
Tudo escuro	83
Milagre interior	85
A decisão	90
A caminho de Loiola	94
Capítulo 4 – Renascer em Loiola	97
O mestre, um basco enxuto	98
<i>El disco de Arrupe</i>	99

O ofício de <i>anjo da guarda</i>	101
Das piadas à mística	104
Amigos no Senhor	107
Um pressentimento	110
Capítulo 5 – Tudo é horizonte	115
Voto a uma potência estrangeira	116
Um exilado feliz	120
Missas de mais de duas horas	124
Até ao outro lado do mar	130
América ao vivo	133
Capítulo 6 – De Cleveland a Yokohama	139
Em prisões de segurança máxima	143
A chorar diante de Yokohama	149
Capítulo 7 – Aquele Japão incrível	155
O Japão não é assim	157
<i>Hana ga takai desu ne</i> . Que grande nariz!	159
De braços ao alto no cimo do <i>Fuji-san</i>	165
Capítulo 8 – Um pároco singular	169
Na paróquia de Francisco Xavier	170
O homem dos sete instrumentos	174
A subtil alma japonesa	177
O eu profundo do <i>zen</i>	180
Capítulo 9 – Luz no cárcere	187
Espião internacional	188
Numa cela despojada	190
Um cativo cativante	192
Esta noite é noite de Natal	195
De volta ao lar	200
Capítulo 10 – O mestre	207
O infinito numa chávena de chá	208
Noviciado em tempo de guerra	211

Perfil de um mestre	215
Transmitir uma vivência	221
Capítulo 11 – A bomba	227
Operação Manhattan	228
O <i>pika-don</i>	232
Um hospital improvisado	234
Deserto de cinzas	238
Missa por Hiroxima	240
Um saco de ácido bórico	242
Força, padre!	245
Patologia radioativa	249
As sombras de Hiroxima	250
Explosão de uma nova era	252
Capítulo 12 – Condenados a viver	257
Hirohito deixa de ser deus	258
A queimar cadáveres	260
Como se o tempo fosse todo meu	263
Livros em japonês	264
Onde nunca estás	269
Observa a pessoa e depois prega	274
Capítulo 13 – Líder de um pequeno mundo	281
Aprendam as regras do baseball	283
Tem a eternidade para descansar!	284
Confidências de um amigo	287
No lugar do outro	290
A Colina dos Mártires	294
Acusado em Roma	299
Capítulo 14 – Um Geral para o Concílio	303
Um Papa de «transição»	303
Um brinde profético	307
Na primeira página	316
Em defesa de Teilhard	320
Frente a frente com o Papa	322

Fé para o ano 2000	327
Com o fundador da Opus Dei	331
Noviciado de Geral	333
«Aqui me tens»	334
Capítulo 15 – Os conflituosos anos 60	341
Era de contestação	343
Iluminar o <i>aggiornamento</i>	347
Carta sobre a América Latina	354
Viagem à Índia	359
Contra o racismo nos Estados Unidos	360
No Brasil de Dom Hélder	363
Ventos novos em Medellín	369
Tensões no Vaticano	371
Capítulo 16 – Na cratera de um vulcão	377
Reação conservadora	378
À conquista de Espanha	383
Explosão criadora	388
Condecorado como engraxador	392
O sínodo sobre a justiça	399
Deus é alegre	401
Fogo cerrado	404
Capítulo 17 – A grande opção	413
A agenda de um Geral	414
Rumores de demissão e outras campanhas	417
O Papa esclarece	423
O <i>stop</i> da Santa Sé	426
Opção pela justiça	433
Capítulo 18 – Perfil de uma águia	443
Diante das câmaras da RAI	446
Jesus Cristo é tudo	448
Possuído por uma missão	450
Rasgos de alma	454
Como outro qualquer	458

Índice

«O último a sair que apague a luz»	467
Bodas de ouro	477
Capítulo 19 – A renúncia	485
O discurso póstumo de João Paulo I	486
Tema de pré-conclave	492
A surpresa do novo Papa	493
Boas notícias de Puebla	496
O grito dos refugiados	502
A renúncia	504
Premonição da prova	514
Capítulo 20 – Silêncio	519
As últimas cartas	520
O canto do cisne	527
A grande prova	532
Diário sobre um doente	542
Confidências de um doente	551
Despedida de um Geral	568
Uma luz no vazio	573
O Geral Adolfo Nicolás e o Papa Francisco	592
Epílogo – Profeta do século XXI	597
Com o futuro na medula	598
As feridas do Terceiro Mundo	600
Juventude e mestiçagem	602
Compromisso de sangue	603
A mulher, a Europa e a Igreja	605
O último segredo	608
Apêndices	613
Árvore genealógica de Pedro Arrupe	615
Resultados académicos de Pedro Arrupe	616
Breve estudo grafológico do Padre Arrupe	619
Carta de Arrupe de 3 de janeiro de 1983	621
Sede bons	622
<i>Índice</i>	625